

MARCELO MARTINELLI



ESTUDO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA SOBRE O  
LAZER

ITATIBA  
2006

MARCELO MARTINELLI

ESTUDO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA SOBRE  
O LAZER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação Stricto Sensu em Psicologia da  
Universidade São Francisco para obtenção do  
título de Mestre.

ORIENTADOR: PROF. DR. FERMINO FERNANDES SISTO

ITATIBA  
2006

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU *EM PSICOLOGIA*

MESTRADO

ESTUDO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA SOBRE  
O LAZER

Autor: Marcelo Martinelli

Orientador: Prof. Dr. Fermino Fernandes Sisto

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Marcelo Martinelli e aprovada pela comissão examinadora.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fermino Fernandes Sisto

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Gisele Aparecida do Patrocínio Bazi

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Acácia Aparecida Angeli dos Santos

Itatiba  
2006

Dedico esse trabalho a toda minha família, que compartilhou comigo os momentos dessa trajetória direta e indiretamente, sempre me apoiando de forma amiga e fraterna. Especialmente dedico esse estudo a minha esposa Cláudia (Biju), que me auxiliou com amor e compreensão nos momentos difíceis e incertos e que colaborou muito para que essa etapa fosse concluída.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meu orientador, Prof. Fermino Fernandes Sisto que soube de forma correta e estratégica compartilhar seus conhecimentos e idéias comigo e que me incentivou a continuar em momentos de dificuldade.

Agradeço também aos meus amigos do programa de Pós-graduação que, juntos começaram essa jornada ao meu lado e foram fundamentais em suas contribuições afetivas, culturais e de companheirismo.

Aos funcionários da Universidade São Francisco, também presto meus agradecimentos, pois sempre me trataram com respeito e dedicação quando precisei.

Muito Obrigado!

## Resumo

Martinelli, M. (2006). Estudo para a Construção de uma Escala sobre o Lazer. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.

Este estudo teve como objetivo a construção de uma escala sobre o lazer e buscou evidências de precisão e validade de construto. Participaram deste estudo 309 universitários de ambos os sexos de uma universidade particular paulista em que as idades variaram de 17 a 60 anos nas áreas de ciências exatas, humanas e biológicas. A coleta de dados se deu por meio de uma escala do tipo likert com 81 atividades (itens) de lazer em que os participantes responderam de acordo com as preferências que tinham em relação a elas. Os dados foram analisados por meio de análise fatorial, componentes principais, rotação varimax e foram excluídos os itens da escala com valores inferiores a 0,30. Três fatores foram extraídos, quais sejam, sócio-culturais (fator1), artístico-manuais e criativas (fator 2) e físico-esportivas (fator 3) e chamou-se de lazer geral a soma dos três fatores. Os resultados mostraram evidências de precisão com boa consistência interna da escala pelo coeficiente alfa de Cronbach=0,92, bem como, a correlação item-total apresentou resultado satisfatório nas três sub-escalas. Em relação à idade verificou-se que as mulheres com o aumento da idade tendem a diminuir suas preferências pelas atividades do fator 1. Já para os homens, com o passar dos anos, houve um aumento de preferências pelas atividades do fator 2 assim como para o lazer geral. As atividades do fator 3 foram preferidas pelos homens e as do fator 2, pelas mulheres, independentemente da idade.

Palavras-chave: tempo livre; precisão; validade.

## **Abstract**

Martinelli, M. (2006). Study for building a scale about the leisure. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.

This study aimed to develop a scale about leisure and its construct validity and reliability. 309 college students attending at a private university in São Paulo in the areas of social, human and biological sciences were studied, aged from 17 to 60 years old and both genders. The data were collected using a Likert scale with 81 leisure activities (items), which the participants answered according to their preferences. The data were studied through principal components and varimax rotation and were excluded the items loading lower than 0.30. Three factors were extracted: social/cultural (factor 1), manual-art and creative (factor 2) and physical/sports (factor 3) and the sum of these three factors was named as general leisure. The results presented reliability, with good internal consistency of the scale (Cronbach's alpha =0.92), as well as the item-total correlation showed satisfactory results in the three factors. Related to the age, older women tended to decrease their preference about factor 1 activities. Concerning to older men, the preferences increased in relation to factor 2 activities, as well as for general leisure. The factor 3 activities were preferred by men and the factor 2 was chosen by women, whatever the age.

Keywords: free time; validity; reliability.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
INTRODUÇÃO	05
1. O LAZER	09
1.1. Tempo livre e lazer	09
1.2. Dimensões do lazer	17
1.3. Estudos Relacionados à Prática e a Compreensão do Lazer	26
2. MÉTODO	37
2.1. Participantes	37
2.2. Instrumento	41
2.3. Procedimento de Aplicação	42
3. RESULTADOS	43
3.1. Evidências de validade de constructo	43
3.2. Precisão	46
3.3. Evidências de validade relativa ao desenvolvimento	47
4. DISCUSSÃO	50
5. REFERÊNCIAS	55
6. ANEXOS	60

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência e percentual em relação a gênero e idade	37
Tabela 2 - Frequência e percentual em relação a gênero e áreas	39
Tabela 3 - Estatística das idades por gênero dos participantes em relação às áreas	40
Tabela 4 - Frequência e percentual por cursos	41
Tabela 5 - Fatores, itens, saturação, <i>eigenvalues</i> e variância explicada encontrados por análise de componentes principais, rotação varimax com normalização de Kaiser	44
Tabela 6 - Coeficientes de correlação item-total por subescala	45
Tabela 7 - Coeficiente de consistência interna (alfa de Cronbach)	46
Tabela 8 - Coeficiente de Correlação por fator e idade em relação ao sexo e no geral	47
Tabela 9 - Dados estatísticos em relação a gênero e fatores	49
Tabela 10 - Classificações de atividades de lazer	52

## APRESENTAÇÃO

É fato que ao vivermos na sociedade contemporânea, marcada historicamente pela industrialização e avanços tecnológicos, estamos dispendo cada vez mais de um tempo não ocupado por obrigações de ordens diversas, o chamado "tempo livre", e os efeitos positivos ou negativos que esse tempo poderá causar às pessoas e à sociedade tem despertado interesse em muitos pesquisadores para realmente saber o que é o lazer e se o é verdadeiramente importante na vida da maioria das pessoas (García, Martinez & Zarazaga, 1999). Contudo, Dumazedier (1973) comenta que a idéia de lazer ainda não está integrada nos sistemas de pensamento que orientam a reflexão de intelectuais e das pessoas que trabalham na área de ação, mais diretamente. Para o autor, muitos estudiosos pensam sobre a sociedade como se não existisse a noção de lazer e intelectuais audaciosos, ao buscar novos sistemas que desejariam mais próximos da atual realidade, deixam-no de lado.

Nos últimos cinquenta anos, alguns psicólogos de aconselhamento têm enfatizado a importância de lazer na vida das pessoas e os benefícios conferidos aos participantes e à sociedade têm sido examinados sob muitas perspectivas. Nesse contexto foram verificados efeitos positivos na saúde mental e física, satisfação na vida e crescimento psicológico pessoal (Tinsley, Hison, Tinsley & Holt, 1993). Super (1980, 1990), citado por Tinsley e Eldredge (1995), tem enfatizado que o lazer é um importante componente no desenvolvimento da vida profissional e cotidiana e que as pessoas passam grande parte de suas vidas em momentos de lazer. Também menciona que os estudos psicológicos americanos analisam o lazer dos indivíduos relacionados com suas ocupações profissionais,

e pouco se sabe sobre o impacto psicológico que a experiência do lazer causa nos seres humanos.

Segundo Suárez e Tomás (2002), em 1964 Berne levou a cabo uma das primeiras aproximações da psicologia com o fenômeno do lazer em seu estudo sobre os *Jogos das pessoas e a psicologia das relações humanas*. Os referidos autores defendem que o lazer foi adquirindo uma relevância cada vez maior no campo do estudo da psicologia, mais especificamente da psicologia social que, por sua natureza, é mais adequada para esse tipo de estudo, pois fundamentalmente sua incidência é significativa em todos os âmbitos da realidade social e, como indicam os estudos de perspectiva e tendências sócioeconômicas, o lazer alcançará uma relevância social inusitada nos próximos anos.

O lazer também se configura como um direito social e é mencionado na Constituição Federal Brasileira, bem como na lei que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, no Estatuto da Criança e do Adolescente, entre outros (Ramos, 2002). Como parte do II Seminário Mundial de Lazer, realizado em Bruxelas em 1976, com a participação de vários países, incluindo o Brasil, foi apresentada a Carta do Lazer (Gaelzer, 1979) que preconiza que todas as atividades humanas devem contribuir para o livre desenvolvimento individual, bem como para o desenvolvimento harmonioso da sociedade, orientada para a criatividade. O conteúdo dessa carta defende que para evitar a dualidade criada pela forte oposição entre o tempo do "homo faber" e o do "homo ludens" é indispensável que o trabalho tanto quanto o lazer permita a expressão individual e facilite a descoberta de um equilíbrio no seio da sociedade. Se três condições, como o direito ao trabalho, humanização do trabalho e garantia de nível satisfatório de vida, devem ser atendidas para conferir ao tempo do homem um mínimo de significação, elas não são suficientes, *de per si*, para

assegurar a realização do indivíduo. No primeiro artigo, dos oito descritos no referido documento, consta que: "Todo homem tem direito ao lazer. Como criador, autor e animador de relações sociais tem, sobretudo, direito às atividades de lazer de sua própria escolha, não importando a sua idade, sexo, nível de educação ou condição social".

Devido sua grande abrangência enquanto fenômeno e pela sua riqueza cultural e significações, o lazer torna-se um assunto atual e interessante, e importante se faz a sua análise e estudo. No entanto, na literatura estudada não foi encontrado nenhum instrumento na área de avaliação psicológica que tivesse tal propósito no Brasil. Assim surgiu a necessidade da construção de um instrumento de avaliação.

O presente trabalho busca dar sua contribuição aos estudos referentes ao lazer por meio da construção de um instrumento, mais especificamente, uma escala de mensuração. Para tanto, na introdução do presente estudo é explicitado que o processo de construção deve atender às exigências estabelecidas pela psicometria, assim como pelos órgãos fiscalizadores da área psicológica, como as questões de precisão (fidedignidade), validade e padronização, que foram esquecidos por muitos profissionais no Brasil.

As informações deste projeto foram agrupadas em quatro capítulos. O primeiro deles refere-se a área de lazer, o segundo trata do método que aborda os fundamentos e princípios relacionados à construção de instrumentos, o terceiro apresenta os resultados e o quarto a discussão. O primeiro capítulo é composto por três tópicos em que o primeiro expõe a questão do tempo livre relacionado ao lazer e as implicações de tal acontecimento para as pessoas e à sociedade. Já no segundo, apresentam-se as dimensões do lazer e o que pensam os autores sobre seus conceitos e definições, visto que como um fenômeno social pode ser analisado por diversas áreas de investigação sendo passível de diferentes opiniões

e abordagens. Por fim, são descritos no terceiro tópico, alguns estudos desenvolvidos na área psicológica por pesquisadores americanos, espanhóis, brasileiros e portugueses acerca do lazer, nos dando dados estatísticos que comprovam o quão importante é que se façam mais investigações a respeito do tema.

No segundo capítulo, em Método, apresentam-se três tópicos, quais sejam, a descrição dos participantes da pesquisa, o processo de construção do instrumento e os procedimentos de aplicação. Os Resultados encontram-se no terceiro capítulo e mostram o tratamento estatístico utilizado na análise dos dados e configuram-se em três tópicos como, evidências de validade de constructo, precisão e evidências de validade relativa ao desenvolvimento. Posteriormente é apresentada a Discussão e as considerações dos resultados, seguida das referências do trabalho.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo Sisto, Sbardelini e Primi (2001), os estudos relacionados com a avaliação psicológica sofreram um relativo esquecimento, embora no meio acadêmico muitos professores e pesquisadores ao longo dos anos continuaram a desenvolver os processos psicométricos de avaliação e diagnóstico. As orientações deontológicas estabelecidas no código de ética profissional dos psicólogos preconizam que para o uso dos instrumentos de avaliação devam valer exigências e fundamentos científicos que atestem sua validade (CFP, 2005). No entanto, muitos instrumentos são comercializados indiscriminadamente no Brasil, não atendendo às exigências dos órgãos fiscalizadores, como também a falta de preparo de muitos profissionais da área, que, somada à pouca produção de tecnologia nacional, contribuíram para o descrédito dos instrumentos de avaliação. Noronha & Vendramini, (2003) corroboram os referidos autores e colocam que no Brasil durante muito tempo o teste psicológico foi rejeitado pela prática profissional em psicologia, uma vez que não alcançavam as expectativas que se tinha a respeito dele, além do que não oferecia a credibilidade necessária para sua utilização.

O Conselho Federal de Psicologia, órgão fiscalizador da área, preocupado com a questão da aplicação e usos de testes no Brasil, publicou em 2001 a resolução nº025/2001 para regulamentar a comercialização e uso dos instrumentos de avaliação. A referida resolução exige critérios para construção e padronização dos instrumentos, os quais serão descritos posteriormente, como também os testes deverão ser revisados a cada dez anos e somente utilizados pelos profissionais da psicologia. Felizmente, a área de avaliação psicológica vem sendo estruturada nas últimas décadas no Brasil e são muitos os indicadores que comprovam isso, como a criação de laboratórios de testes psicológicos em

várias universidades brasileiras, o aumento do número de construção de instrumentos psicológicos, uma maior demanda de trabalhos e estudos sobre a avaliação em eventos nacionais e também a realização de eventos específicos da área.

Os testes psicológicos têm sido entendidos como instrumentos auxiliares na coleta de informações que, somados aos demais dados organizados pelo profissional da psicologia, auxiliam na compreensão do problema estudado de forma a facilitar as tomadas de decisões. Os testes psicológicos são instrumentos utilizados pelos profissionais da psicologia e podem fornecer dados importantes referentes à elaboração de um diagnóstico num processo de avaliação. Para que os testes ou instrumentos sejam úteis e eficientes, devem passar por processos que comprovem suas qualidades psicométricas e também atender as especificações que garantam o reconhecimento e a credibilidade por parte da sociedade e da comunidade científica (Noronha & Vendramini, 2003).

Para a construção de instrumentos que possam avaliar os fenômenos estudados na área da psicologia torna-se necessário considerar todo o processo de construção e cada vez mais observa-se que o desenvolvimento de um teste com evidências de validade requer muitos procedimentos, que são utilizados em diferentes etapas de sua construção, conforme tem defendido Anastasi e Urbina (2000) entre outros. Todas as informações reunidas, bem como os ajustes dos itens do teste para as definições de construto são relevantes, e o uso efetivo de instrumentos psicológicos requer familiaridade básica com a construção dos mesmos.

Um teste psicológico é essencialmente uma medida objetiva e padronizada de uma amostra de comportamento, ou seja, são como os testes de qualquer outra ciência, na medida em que são feitas observações sobre uma amostra pequena, mas cuidadosamente

escolhida do comportamento de um indivíduo (Anastasi e Urbina, 2000). Segundo os padrões de testagem Educacional e Psicológica (AERA, APA, NCME, 1996) citados por Anastasi e Urbina (2000), para a construção, avaliação e documentação adequadas de um teste devem ser observados aspectos como validade, precisão, erros de mensuração e função das informações dos escores do teste, desenvolvimento e revisão, escalas, normas, padrões e comparabilidade dos escores, aplicação, pontuação e relatório do teste, bem como sua documentação.

Anastasi e Urbina (2000) defendem que a precisão (fidedignidade) refere-se à consistência dos escores obtidos pelas mesmas pessoas, quando são reexaminadas com o mesmo instrumento em ocasiões diferentes, ou com diferentes conjuntos de itens equivalentes, ou sob outras condições variáveis de exame. Esse conceito é enfatizado pelo cálculo de erro da mensuração, com o qual se pode dizer o intervalo da flutuação possível para o escore de um indivíduo em resultado de fatores casuais irrelevantes ou desconhecidos. O conceito de precisão é amplamente utilizado para a verificação da variância de erro que possa ocorrer e também pode ser verificada, segundo os mesmos autores, a partir de uma única aplicação de um determinado teste, por meio de diversos procedimentos de dividir o teste pela metade (*Split-Half*). Com isso são obtidos dois escores para cada pessoa quando o teste é dividido em metades equivalentes e, a precisão das duas metades indica uma medida de consistência em relação à amostragem do conteúdo.

Já o sentido da validade de um instrumento indica aquilo que o teste mede e quão bem ele o faz, nos dando a possibilidade de inferência a respeito dos escores do teste. Para Muniz (2004), entretanto não é o teste que se valida, mas sim, as inferências a respeito de

determinados aspectos de comportamento das pessoas testadas. Em decorrência, o resultado final de um processo de validação não se atém ao teste em si mesmo, mas, sim, a respeito das inferências a serem feitas.

Um teste psicológico é uma amostra de conduta de uma pessoa, corrigida de forma objetiva e sistematizada. Os psicólogos e outros profissionais recorrem a essas sínteses de resultados da conduta porque a partir dela podem tecer inferências fundadas acerca do comportamento e do funcionamento cognitivo das pessoas avaliadas. No entanto, não se pode esquecer que a primeira condição para que um teste sirva de base para inferências é o conhecimento dos erros de medida, pois nenhuma medição científica está totalmente isenta de erros (Muniz, 2004).

O presente estudo visa à construção de uma escala *likert* para a avaliação do lazer e pretende atender às exigências descritas anteriormente. As qualidades psicométricas serão verificadas em todo o processo de construção e suas etapas estão descritas no método deste trabalho.

## 1.0 LAZER

### 1.1. Tempo livre e lazer

O tempo é uma dimensão importante que correlaciona nossos sistemas físicos, sociais e biológicos, e diversas culturas vivenciam diferentes formas de mensurar e considerar o tempo. Historicamente, a duração do tempo necessário para a execução de tarefas similares tem variado bastante e o desenvolvimento do capitalismo industrial implicou num processo de generalização do controle, regularidade e universalização da medição do tempo (Gebara, 1997). Segundo o mesmo autor, a existência do tempo de trabalho implicou na existência do tempo de não trabalho, que por não estar inserido no universo produtivo foi freqüentemente pensado como ocioso, diferenciando-se da razão do sistema econômico. No período histórico que precede o modelo industrial, o ritmo do trabalho era relacionado ao ritmo do homem no manuseio de ferramentas e instrumentos de trabalho. Uma enxada ou uma foice sempre dependia da capacidade muscular humana para sua ativação e nesse sentido as diferentes atividades físicas, transformadas em formas de trabalho se davam em condições do tempo "natural" do ser humano, ou seja, o artesão ou o agricultor comandavam o ritmo do processo produtivo sintonizados ao ritmo da natureza.

Com o advento da industrialização, a ferramenta foi acoplada a um mecanismo próprio em relação ao organismo humano e seu funcionamento independia da capacidade física do homem, ocorrendo então, pela primeira vez na história, que o ritmo do ser humano passou a ser uma variável dependente, ou melhor, a velocidade da máquina foi o fator que determinou o processo geral de produção e, conseqüentemente, determinava o ritmo do

homem (Gebara, 1997). O mesmo autor cita como exemplo o movimento de uma enxada, que funciona acompanhando o ritmo do braço do homem, mas uma esteira de montagem faz com que os braços funcionem no ritmo imposto pela velocidade do sistema de produção, ao qual a esteira é acoplada, ou seja, nessa situação a ação motora pode ser exteriormente controlada e associada ao conceito do trabalho produtivo e, conseqüentemente, temos um tempo produtivo, útil, e um tempo que, se não responde a esse pressuposto, se caracteriza como perdido ou sem nenhuma utilidade.

Em contrapartida, se o modelo capitalista e industrial atribuiu um ritmo diferenciado às ações humanas em sociedade, possibilitou ao homem dispor de um maior tempo para realizar suas atividades longe do mundo do trabalho, o chamado "tempo livre", no qual supostamente poderia viver seus momentos de lazer por meio de atividades recreativas, culturais, esportivas etc. Suárez e Tomáz (1999) entendem que o tempo livre é aquele que não implica o trabalho remunerado nem o estudo com características formais, o tempo dispensado às necessidades básicas, como dormir, comer ou tomar banho, trabalhos de necessidades domésticas e as obrigações familiares ou religiosas. Parker (1976) relata que no início do século XX, considerava-se normal uma semana de trabalho de 52-54 horas, sendo comum entre os trabalhadores. Após a I Guerra Mundial houve uma redução para 48 horas. As décadas de 20 e 30 não trouxeram muitas mudanças, e somente depois da II Guerra Mundial ocorreu uma redução de 48 para 44 horas semanais. Por meio de pequenas mudanças sucessivas, a semana de trabalho da maior parte dos operários na indústria foi reduzida para 40 horas, o que permanece até hoje.

Para Loureiro (1987), embora a problemática do lazer seja praticamente tão antiga quanto o próprio homem, foi somente nas sociedades contemporâneas que o lazer se

ampliou, cresceu em importância e começou a caracterizar-se como uma esfera própria e concreta da vida das pessoas em geral. Para a maioria dos indivíduos, o lazer não existia em quantidade significativa até poucas décadas da Revolução Industrial e a autora comenta que com o advento de novas formas de produção e organização do trabalho e com o aperfeiçoamento da moderna tecnologia ocorreram profundas alterações na vida social e econômica, das quais resultaram, entre outras coisas, a redução da jornada diária de trabalho, aliada a um substancial aumento do tempo livre e a crescente aplicação da tecnologia nos vários setores da atividade humana. Isso resultou num estilo de vida totalmente distinto do que prevalecia antes da máquina e, igualmente, permitiu ao homem maior disponibilidade para o lazer.

Sebastián de Grazia, professor de Ciência Política, citado por Bruhns (2002) a respeito de seu livro *Tiempo, Trabajo y Ócio*, faz críticas a expressão utilizada como "tempo livre". Para ele a máquina, doadora do tempo livre, traz consigo uma idéia do tempo neutralizada fazendo-o parecer livre, e logo o relaciona com outra máquina, o relógio, e defende que, por definição, nenhuma obtenção de tempo pode ser chamada de "livre", pois nasceu do tempo do relógio industrial. Se o trabalho está cronometrado, o tempo restante a ele relacionado também está e a diferença está numa "corda mais frouxa" para o tempo livre.

Ainda sobre as concepções acerca das determinações do tempo, Dumazedier (1974) nos dá algumas especificações sobre ele. É importante ter em mente que o tempo ocioso ou ociosidade ocorre quando o trabalho está ausente por que o sujeito o quer e confunde-se com preguiça, *far niente*; o tempo desocupado quando o trabalho está ausente porque o sujeito não encontra emprego; o tempo liberado quando o trabalho é de tal forma

especializado, que se realiza em menos tempo as tarefas prescritas e o sujeito se libera dele, mas muitas vezes não o assume conscientemente; o tempo livre é o que está isento do trabalho, liberado deste, e confunde-se muitas vezes com o tempo liberado, mas dele se diferencia porque é assumido conscientemente pelas pessoas e o tempo de lazer, ocorre quando a pessoa torna-se dona de seu tempo livre e o emprega para sua própria realização.

Em 1967, durante uma conferência em Genebra, dezesseis instituições que trabalharam internacionalmente na área dos esportes, recreação e do uso do tempo livre solicitaram a então Associação Internacional de Recreação, hoje Associação Mundial de Lazer e Recreação, que idealizasse e planificasse concretamente uma Carta de Direitos Humanos ao tempo Livre. Em 1º de julho de 1970, depois de dois anos e meio de trabalho, foi apresentada em Genebra a Carta de Direitos Humanos ao Tempo Livre, em reunião final, divulgada em quatro idiomas: Espanhol, Inglês, Alemão e Japonês. O presente documento defende que o tempo livre é aquele período que está à disposição completa do indivíduo, depois dele haver terminado seu trabalho e cumprido outras obrigações e o uso que é dado a esse tempo é de vital importância.

O tempo livre e a recreação criam condições ao homem para compensar as inúmeras exigências da vida contemporânea e, sobretudo, apresentam a possibilidade de enriquecimento da vida pela participação recreativa nos esportes, nas artes, nas ciências e na natureza. Ambos são importantes em todas as fases da vida, tanto urbana como rural e as atividades realizadas nesse tempo oferecem ao homem a oportunidade de desenvolver seus dons essenciais (o livre emprego da vontade, da inteligência, sentido de responsabilidade e faculdades criativas). As horas de descanso constituem um período de liberdade quando o homem pode aumentar seu valor como ser humano e como membro produtivo da

sociedade. A recreação e as atividades executadas no tempo livre têm grande significado para estabelecer boas relações entre povos e nações do mundo.

No artigo VI do referido documento consta que toda pessoa tem o direito à oportunidade de aprender como desfrutar de seu tempo livre. A família, a escola e a comunidade devem prepará-la na arte de usar seu tempo livre da melhor maneira possível. Nas escolas, nas aulas e nos cursos deve-se oferecer às crianças, aos adolescentes e aos adultos, a oportunidade de desenvolver os talentos, atitudes e compreensão, essenciais ao conhecimento do uso do tempo livre.

No entanto, Loureiro (1987) adverte para o perigo que constitui o despreparo das pessoas diante da liberdade de escolha subjacente ao lazer. De um lado o lazer oferece oportunidades únicas de autoconhecimento, auto-expressão, revela capacidades e talentos, é um poderoso recurso de recuperação, ajustamento e desenvolvimento humano. Em contrapartida, coloca o homem frente ao problema de diversos graus de liberdade, que pode gerar distúrbios comportamentais e mentais, que se transformam em problemas sociais de enormes proporções, como o uso abusivo do álcool ou de outras drogas, a delinquência, o vandalismo, a violência, a promiscuidade, entre outros.

De fato, necessita-se de uma educação para o lazer e não só para o trabalho e responsabilidades sociais e é nesse contexto que De Masi (2000) propõe uma educação para o tempo livre, defendendo que educar nesse sentido significa ensinar a escolher um filme, uma peça de teatro ou um livro, por exemplo. Ensinar como se pode estar bem sozinho, consigo mesmo, significa habituar-se às atividades domésticas e a produção autônoma de muitas coisas que até então no momento comprávamos prontas, como também, ensinar o prazer do convívio, da introspecção, do jogo e da beleza. O autor ainda defende que a

pedagogia do lazer também tem sua própria ética, sua estética, sua dinâmica e suas técnicas e que tudo isso pode ser ensinado. O tempo livre requer uma escolha autêntica dos lugares justos para pousar, para se distrair e para se divertir e, portanto, é preciso ensinar os jovens não só como se portar no ambiente de trabalho, mas também nos meandros dos vários lazeres possíveis, o que significa educar para a solidão e para o convívio, para a solidariedade e para o voluntariado, como evitar a alienação que pode ser provocada pelo tempo livre, tão perigosa quanto à alienação derivada do trabalho.

Para Medeiros (1971) não existe uma educação para se perceber a importância do lazer e o referido autor chama a atenção para o fato de vivermos numa cultura em que tradicionalmente é comum um estilo de vida baseado numa intensa dedicação e valorização do trabalho. Somos treinados desde cedo na arte do comportamento produtivo, e nada nos é dito a respeito das possibilidades de igualmente encontrarmos satisfação na esfera do lazer e com isso, tendemos a experimentar sentimentos de culpa quando em lazer, pois a valorização do trabalho provoca atitudes que poderíamos classificar como negativas em relação ao lazer, atribuindo-lhe conotações de improdutividade e ociosidade. Contudo podemos considerar que atualmente os temas lazer, recreação e qualidade de vida estão sendo ampliados, discutidos e levados aos meios de comunicação com mais amplitude do que na década de setenta.

O que vem sendo discutido frente à realidade contemporânea em diversos artigos e estudos de várias áreas do conhecimento é, qual será a nova postura da sociedade frente a essa nova perspectiva do tempo livre e como torná-lo numa experiência de lazer. Outro aspecto é como se verificará se enquanto cidadãos estamos preparados para esse momento e, o que implicaria na não compreensão de tal fenômeno em termos pessoais e sociais.

Harada (2000) comenta que quando a política de redução da jornada de trabalho foi implementada no Japão em 1994, postulando 40 horas semanais, juntamente com a elaboração da Lei do Resort em 1987, que visava favorecer a construção de grandes áreas recreativas e promover o desenvolvimento local, muitos cidadãos japoneses ficaram e ainda estão confusos com a possibilidade de ter mais tempo livre. Para eles, do final da II Guerra Mundial até o período do grande desenvolvimento econômico, acreditavam que se divertir era um crime e que trabalhar era o correto e sentiam-se orgulhosos de serem chamados de guerreiros das empresas, sacrificando suas horas de lazer e seus momentos com a família em nome do crescimento econômico para ver o país se tornar uma nação rica. O autor coloca que atualmente muitas empresas japonesas oferecem aos seus trabalhadores cursos sobre como viver, que lhes ensinam a usar o tempo livre de forma proveitosa, bem como, a Associação Japonesa de Recreação também começou a treinar as pessoas para desenvolver um estilo de vida baseado no lazer. Segundo Harada, hoje no Japão há um bom equilíbrio entre os orientados-para-trabalho, orientados-para-lazer e os que valorizam igualmente trabalho e lazer e, coloca que o japonês deixou de ser a "formiga operária" que costumava ser.

Para Loureiro (1987), se parece óbvio o raciocínio que nos leva a considerar que a educação para o bom aproveitamento do lazer é atualmente uma necessidade, muitas são as barreiras que ainda se enfrenta quando da discussão do tema, pois o lazer é antes de tudo uma experiência individual e não somente uma categoria definida de comportamento ou um período de tempo específico. Determinantes objetivos não são suficientes para definir o lazer, ele comporta condições pessoais, subjetivas, o que torna difícil qualquer

generalização apressada, ou seja, é somente o indivíduo que pode determinar se uma atividade realizada livremente será ou não uma experiência de lazer.

Segundo Mundy (1980) citado por Loureiro (1987), a educação para o lazer ocorre quando o indivíduo desenvolve o entendimento de si mesmo e o processo se realiza por meio de cinco áreas principais que são (a) a consciência do que é o lazer e sua importância, (b) autoconsciência para que se possa determinar quais as experiências de lazer são compatíveis com as necessidades, (c) valores, expectativas, interesses pessoais, habilidades para a realização das atividades de lazer, (d) tomada de decisão que leve a um planejamento e (e) uma escolha adequada das atividades e interação social. As pessoas por meio desse processo deveriam reconhecer o lazer como um caminho de satisfação e enriquecimento pessoal, descobrir as várias oportunidades valiosas de lazer à sua disposição, compreender a relevância do lazer para a sociedade, aprender a apreciar os recursos naturais e suas relações com o lazer e uma melhor qualidade de vida, tornar-se capaz de tomar decisões responsáveis em relação ao seu próprio lazer e também de agir segundo seus interesses e necessidades de lazer.

Pelo conteúdo teórico exposto no corpo do presente trabalho até o momento, constata-se que o fenômeno lazer é de natureza complexa e possui grande abrangência nos aspectos culturais, sociais, econômicos e humanos. Como coloca Dumazedier (1973), o lazer configura-se como um componente central da cultura vivida por milhões de pessoas e possui relações sutis e profundas com todos os grandes problemas provindos do trabalho, da família e da política que, sob sua influência passam a ser vistos e tratados em novas perspectivas. Por sua vez, é tema de inúmeras discussões e diversificados pontos de vista, é estudado por diversas áreas do conhecimento pelo grau de importância que está assumindo

junto à sociedade contemporânea, devido aos benefícios que poderá trazer se assumido com seriedade pelas políticas públicas, pesquisadores e população (Gaelzer, 1979; Dumazedier 1980; De Masi, 2000; Marcellino, 2001).

## 1. 2. Dimensões do Lazer

O lazer é um termo bastante amplo e possui diversos significados que dependem de muitas variáveis relacionadas ao seu contexto histórico, à dimensão social, aos pareceres pessoais e, quase sempre, vem acompanhado de outros termos como trabalho, educação, recreação (Loureiro, 1995). Também podemos encontrar o jogo, a brincadeira, o tempo livre, e o ócio como expressões que costumam caminhar juntas nos estudos elaborados sobre o tema e, por vezes, são confundidos entre si, principalmente na questão da delimitação dos termos e o que realmente um contribui com o outro. A palavra lazer é originária da forma infinitiva latina *licere*, que significa "o permitido" e a expressão francesa *loisir* dá origem à expressão inglesa *leisure*, utilizada tecnicamente para significar tempo livre. Em espanhol, por exemplo, não se encontra o termo lazer, mas sim, ócio ou *tiempo libre*. O lazer também pode ser definido como o conjunto de ocupações "livres" após o trabalho e obrigações, como também, o tempo disponível, no qual se opta pelo exercício (produção, consumo ou compreensão) de alguma dinâmica cultural (Pimentel, 2003).

Awade (2004) acrescenta que o conceito de lazer depende das concepções de homem, de sociedade, de trabalho e de tempo livre, como também da história humana, em que numa sociedade estruturada em classes sociais apresenta-se de forma diversificada e

está na dependência de fatores econômicos, políticos e culturais e tem sido o motivo de discussão em nossa sociedade devido a sua complexidade e amplitude. Para os gregos, o lazer era contemplar a vida sem precisar se preocupar com as questões materiais ou, também, ficar sem nada a fazer por opção podendo ser concebido pelo não trabalho, o "nada a fazer" de forma lúdica, positiva ou opcional, que era a forma utilizada em períodos históricos anteriores ao modo de produção capitalista como opção de lazer, enquanto que negar o ócio (*negotium*) ou o lazer significava fazer algo produtivo. Podemos encontrar também a expressão ociosidade que seria a abstenção total do trabalho de forma negativa, compulsória, quando o indivíduo gostaria de estar fazendo algo, mas é impedido, não tem opção, como por exemplo, uma pessoa desempregada.

A palavra lazer sugere recreação e importante se faz apresentarmos algumas definições sobre essa última para verificarmos diferenças e semelhanças na opinião de autores a respeito dos termos citados, visto que aparecem juntos ou associados com grande frequência em inúmeros estudos. A palavra recreação provém do latim *recreare*, que significa recrear, reproduzir, renovar. Para Awade (2004), a recreação surge como uma atividade de lazer proporcionando formas de experiências, na qual o indivíduo participa (ativa ou passivamente) durante seu tempo livre, por livre escolha, pelo prazer e a satisfação pessoal que obtêm diretamente dela em busca de atender necessidades físicas, psíquicas ou sociais. Segundo Butler (1973), expressa em termos de atividade, a recreação pode ser considerada como qualquer atividade que não seja conscientemente executada com o propósito de obter recompensa além dela mesma, que seja comumente realizada durante as horas de lazer, proporcionando ao homem um escape para suas forças física, mental ou criadora, e na qual ele participa por desejo íntimo e não por compulsão externa.

A atividade de lazer torna-se recreação para o indivíduo porque obtém dela resposta agradável e compensadora, ou seja, recreação é qualquer forma de experiência ou atividade na qual o indivíduo participa por escolha, devido ao prazer e à satisfação pessoal que advém diretamente dela. Segundo Pimentel (2003), a recreação é uma forma lúdica de recuperar as forças para o trabalho ou poderia ser um movimento social voltado para ensinar atividades lúdicas julgadas convenientes à população, como se fosse uma tutela do lazer, definida como um lazer ativo escolhido livremente ou como uma atividade de lazer conduzida por um animador. Para Gaelzer (1979), grande parte da literatura produzida a respeito do lazer leva a crer que os autores, embora não tenham uma única definição sobre o tema, em sua maioria foram condicionados a admitir conceitos frente ao lazer em relação a tempo, atividade e, mais recentemente, a atitude. Nesse contexto, verificamos que a recreação frente ao lazer está vinculada enquanto atividade, podendo ser considerada como um lazer ativo, ou seja, atividade em tempo de lazer.

Toda atividade recreativa será sempre um jogo ou uma brincadeira e a diferença entre ambos é que o primeiro possui regras aceitas pelo grupo, tempo estabelecido e busca-se sempre um vencedor. No entanto, na brincadeira não se busca um ganhador, não possui tempo determinado, prosseguindo enquanto houver motivação e interesse por ela e caracteriza-se como atividade lúdica, voluntária, improdutiva e auto-organizada, marcada pela imaginação e motivação intensa (Pimentel, 2003).

Após esclarecimentos sobre as terminologias que acompanham o lazer, e/ou fazem parte dele, faremos uma exposição mais detalhada sobre as diferentes opiniões que os autores têm a seu respeito, considerando a literatura estudada. Gaelzer (1979), como foi exposto anteriormente, explicita os fatores tempo, atividade e atitude como componentes

essenciais para o entendimento do lazer, no entanto, autores como Tinsley, Hison, Tinsley e Holt (1993) defendem que o lazer pode ocorrer como uma experiência subjetiva. Nos últimos cinquenta anos, alguns psicólogos de aconselhamento têm enfatizado a importância do lazer na vida das pessoas e os benefícios sugeridos incluem efeitos positivos na saúde mental e física, satisfação na vida e crescimento psicológico pessoal.

Conforme Tinsley, Hison, Tinsley e Holt (1993), estudos teorizaram que esses benefícios resultam da *experienciação fenomenológica* de lazer pelo indivíduo, mais do que a participação em atividades de lazer por si só. Como, também, existe a teoria em que o lazer enfatiza a experiência subjetiva do indivíduo e é caracterizada pelos atributos cognitivo (concentração na experiência presente, esquecimento do *self* e a percepção diminuída do tempo) e afetivo (sentimentos de liberdade, maior percepção de objetos e eventos, maior intensidade de emoções, sensibilidade à sensações corporais). Os referidos autores defendem que o lazer pode variar em intensidade e quatro são as condições para que isso ocorra, quais sejam, a livre escolha da atividade, a satisfação intrínseca, ser otimamente provocativo e exigir um nível de compromisso.

Uma das definições mais recentes a respeito do lazer segundo García, Martínez e Zarazaga (1999, p. 114) é defendida por Argyle (1996) que o menciona como "um conjunto de atividades que uma pessoa realiza em seu tempo livre porque deseja fazê-las, sem pressões externas, com o objetivo de divertir-se, entreter-se, relaxar-se, ou qualquer outro objetivo que não implique em benefícios materiais". Conforme Suárez e Tomás (1999), o lazer é, sem dúvida, um dos fenômenos psicossociológicos mais importantes e característicos do mundo ocidental e, por sua transcendência, deve ser analisado numa perspectiva multidimensional. A sociologia, a antropologia e a economia são áreas que

procuram investigá-lo, bem como a psicologia social tem mostrado interesse em estudá-lo. San Martín (1997), citado por Suárez e Tomás (1999), justifica o grande interesse de diferentes áreas pelo estudo do lazer, por estar implícito em diversos aspectos, como esteriótipos, atitudes, relações intergrupais e interpessoais, qualidade de vida etc. Para Suárez e Tomás, o lazer está dentro do tempo livre, aquele formado pelas atividades e práticas livremente escolhidas de acordo com as preferências de cada indivíduo, um tempo caracterizado pela livre escolha de atividades que satisfaçam as necessidades pessoais, um tempo cuja finalidade seja o descanso, a diversão, a recreação e o desenvolvimento do sujeito.

De acordo com Suárez e Tomás (2002), a partir dos anos 60 a psicologia social tem mostrado interesse pelo assunto por ser um fator determinante na vida das pessoas e vem se posicionando no empenho de estudos sobre o tema, pois as investigações mostram-se frutíferas e enriquecedoras. Uma obra que marca o interesse da psicologia social pelo estudo de lazer, foi a realizada por John Neulinger, com o clássico *Psychology of Leisure*, que foi publicado em 1974. Essa publicação indica o modelo dos fatores do lazer, que serviria posteriormente para impulsionar muitos outros estudos relacionados aos seus aspectos psicológicos. As contribuições fundamentais de Neulinger (1974) se baseiam no paradigma de lazer que classifica as dimensões da liberdade percebida e motivação intrínseca e, em consequência, muitos investigadores tomam a liberdade percebida como elemento central de suas teses e elaboram suas primeiras propostas. Desse modo, a teoria da motivação intrínseca tem sido aplicada em numerosas áreas do comportamento de lazer, tais como os jogos juvenis, o lazer e a saúde física, a evolução dos serviços de lazer, o lazer e a escola, entre outros. Suárez e Tomás (2002) defendem que a psicologia social deve ter

como objeto de estudo o lazer, sendo pertinente em quase todas as suas linhas de argumentação, estudo e intervenção.

Contudo, Iwanowicz (1997), acerca dos estudos sobre o lazer na área da psicologia, tece sua crítica e argumenta a falta de pesquisa dirigida diretamente à análise do comportamento descrito como de lazer e ressalta que nenhum livro de psicologia geral, dos mais antigos até os mais recentes, dispensa uma frase que seja sobre a atividade humana relacionada a ele. Em geral, discutem-se os aspectos emocionais de comportamento humano no estado de estresse, indicando a necessidade de divertimento ou de descanso tanto para o estresse biológico quanto psicológico. A análise dos estados emocionais é mais freqüentemente vista pelo prisma de conflitos ou insucessos de vida do que a alegria, contentamento ou felicidade. A autora ressalta que a organização da vida dentro de estruturas da sociedade industrial colocou como primordiais as metas relacionadas ao trabalho e ao produto e, a racionalidade, nesse ponto de vista, aprofundada pelo marxismo, transformou a atuação de trabalho em elemento principal de desenvolvimento da pessoa humana. Com isso, a moralidade política do Estado deu maior importância ao desenvolvimento econômico e não ao aspecto psicológico e espiritual das pessoas.

Iwanowicz (1997) nos apresenta algumas propostas de classificação das funções do lazer por pesquisadores poloneses que se relacionam com o desenvolvimento total da pessoa ao longo da vida. Segundo a autora, a classificação Wnuk-Lipinsk (Roykiewicz, 1981) distingue as seis funções básicas do lazer de acordo com a literatura psicológica, quais sejam, (a) as funções educativas, caracterizadas pelo interesse próprio dirigido para a ampliação dos horizontes mentais, busca de novas experiências e de novo conhecimento, (b) as funções de ensino que compreendem a assimilação ou aprendizagem das normas

culturais, de ideais filosóficos ou políticos, das normas de conveniência social ou de comportamento, (c) as funções integrativas que têm por objetivo formar ou solidificar os grupos, principalmente os familiares, de amizade-companhia, de interesses comuns, os quais poderiam estar satisfazendo à necessidade de pertencer a alguém ou de realizar as metas, de ser reconhecido, (d) as funções recreativas que compreendem a atividade relacionada com o descanso psicológico e físico, (e) as funções culturais que se referem à compreensão e assimilação dos valores culturais ou a criação de novos valores e, finalmente, (f) as funções compensadoras que seriam as atuações que, de alguma forma, nivelam as insatisfações das outras áreas da vida, levando a pessoa a uma atitude de viver plenamente aquilo que, nas outras situações, não pôde ser realizado.

De acordo com Santini (1993), o lazer é toda atividade executada no tempo livre e tal atividade possui em si o livre arbítrio, sendo denominada atividade discricional, ou seja, podemos optar. Essa terminologia é utilizada principalmente devido ao fato de não trazer em si qualquer tipo de obrigatoriedade ou restrições. Marcellino (2001) defende que a disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade ou pelo lazer e que é impossível, por exemplo, abordar as questões do lazer isoladas das questões do trabalho ou da educação. Contudo, em nossa sociedade, o lazer só é justificado se agregado a outro conceito que sirva para amenizá-lo, suavizá-lo ou mesmo "resolvê-lo". O mesmo autor tece críticas em algumas colocações feitas por pesquisadores como "ócio produtivo" ou "ócio criativo", como se o ócio precisasse de adjetivos, inclusive para ser produtivo e defende que felicidade, prazer e convívio social não precisam de justificativas, bastam-se a si mesmos.

Marcellino (2001) aborda que o lazer deve ser compreendido criticamente e passa por quatro pontos. No primeiro, (a) a cultura vivenciada (praticada, fruída ou conhecida) no

tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares, sociais, combinando os aspectos tempo e atitude. No segundo, (b) o lazer é gerado historicamente e dele pode emergir, de modo dialético, valores questionadores da sociedade no seu conjunto, e sobre ele também são exercidas influências da estrutura social vigente. No terceiro, (c) um tempo que pode ser privilegiado para a vivência de valores que contribuam com mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para solapar a estrutura social vigente. Por fim no quarto ponto, (d) ser portador de um duplo sentido educativo - veículo e objeto de educação, considerando-se, assim, não apenas suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social. Segundo Marcellino (1983), os estudiosos da área não têm um consenso sobre o que seja o lazer, e muito menos a população em geral, pois o assunto vem “carregado” de preferências e juízo de valor.

Do ponto de vista de Dumazedier (1974), o lazer torna-se um fenômeno sociológico e indica quatro perspectivas sob as quais pode ser abordado, que são as econômica, sociológica, psicológica e psicossociológica. Sua conceituação econômica opõe lazer ao trabalho profissional, pois o trabalho é útil, rende e dá lucros e o lazer torna-se supérfluo, ou seja, ocorre uma ruptura entre o tempo de trabalho e o de não de trabalho. Sua conceituação sociológica enfoca o lazer como um tempo liberado do trabalho profissional e dos afazeres domésticos; no entanto, ele pode ser vivenciado em atividades sóciopolíticas e religiosas, propostas ou impostas por instituições sociais, desde que aceitas de bom grado e com prazer pelo indivíduo como, por exemplo, participar de uma festa de aniversário como obrigação social, porém a pessoa se diverte e sente prazer. Quando o lazer é definido como comportamento conceitua-se psicologicamente, visto que a disposição interior do indivíduo é que vai caracterizar sua maneira de agir, diferenciando-a do que é comum a todos. Porém

essa conceituação confunde lazer, prazer e jogo e não considera as pressões sócio-temporais impostas ao indivíduo. O conceito psicossociológico define o lazer como tempo livre empregado na realização da pessoa como um fim em si mesmo, pois o indivíduo pode se liberar à vontade do cansaço no repouso, do aborrecimento na diversão e de sua especialidade funcional, contribuindo de forma intencional para as capacidades de seu corpo e espírito. Por sua vez essa conceituação reúne de forma clara as três funções do lazer que são o descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal, contemplando a noção de tempo e atividade. Essas funções segundo o autor, são solidárias e estão intimamente ligadas umas às outras, mesmo quando parece oporem-se entre si e acham-se presentes em graus variados em todas as situações relacionadas aos indivíduos, manifestando-se uma de cada vez ou simultaneamente na mesma situação de lazer.

Dumazedier (1973) define lazer como:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares ou sociais (p.34).

Dumazedier (1980) classifica o lazer em cinco grandes grupos que são divididos de acordo com o conteúdo das atividades, quais sejam, atividades de interesses físicos, interesses práticos ou manuais, interesses artísticos, interesses intelectuais e os interesses sociais. Camargo (1986) apud Largura (2000) acrescenta a essa classificação uma nova categoria, o turismo.

Na perspectiva da construção de um instrumento de avaliação psicológica, este estudo contempla a definição psicossocial de Dumazedier. Conforme Neulinger (1974), a abordagem mais comum e objetiva do lazer se dá por meio do estudo das atividades de lazer, pois são atos concretos, podem ser observadas, podemos ter noção do tempo ou frequência em que são realizadas, elas representam comportamentos objetivos. Quando Dumazedier (1973) refere-se a um *conjunto de ocupações* explicita o conteúdo ativo do lazer que denota atividade, sendo que para este estudo é a definição mais adequada, pois é passível de mensuração, visto que a construção do instrumento que será aplicado exige qualidades e comprovações psicométricas.

### 1. 3. Estudos Relacionados à Prática e a Compreensão do Lazer

Na tentativa de compreender o fenômeno do lazer, estudos foram elaborados por diversos pesquisadores com abordagens diferentes, visto que o lazer permeia várias áreas de investigação. Os trabalhos aqui apresentados pertencem, em sua maioria, à área da psicologia, na qual este trabalho foi desenvolvido. No entanto, grande quantidade de estudos foram publicados em outras áreas do conhecimento como a sociologia, educação física, pedagogia, área da saúde, entre outros. Os referidos estudos não se apresentam em ordem cronológica, mas sim pela similaridade dos assuntos tratados como, lazer e trabalho, lazer e população universitária, lazer e cidadão, definição de construto, entre outros.

Suárez e Tomás (1999) argumentaram sobre a necessidade dos pesquisadores estudarem com maior profundidade e articularem de maneira mais sólida e coerente os estudos culturais, de lazer e tempo livre mediante os enfoques psicossociais, pois esse tipo

de abordagem se mostra mais adequado para fenômenos complexos e multidimensionais. Os mesmos autores verificaram que há uma preponderância dos métodos quantitativos sobre os qualitativos, existindo o uso quase exclusivo de questionários como instrumento para a obtenção das informações.

Num estudo realizado sobre os atributos de lazer e experiências de trabalho por Tinsley, Hison, Tinsley & Holt (1993), redações foram escritas por 238 universitários e 66 adultos não universitários sobre as suas mais memoráveis experiências de lazer e as mais significativas situações que ocorreram em experiências de lazer e trabalho. Os dados foram analisados e o conteúdo mostrou a presença de 46 construtos descrevendo 39 atributos e 7 benefícios das experiências. Diferenças significativas foram encontradas na freqüência com a qual esses construtos descreveram o lazer e as atividades de trabalho. As experiências de lazer foram mais freqüentemente caracterizadas como fornecimento de prazer, como por exemplo, satisfação intrínseca, companhia, novidade, relaxamento, apreciação estética e intimidade. O trabalho, ao contrário, foi mais freqüentemente descrito como fornecedor de recompensas extrínsecas, realização, aprendizado e altruísmo. Os autores comentaram, à luz dos resultados, que psicólogos de aconselhamento poderiam explorar esses assuntos mais diretamente em seus trabalhos.

Nesse sentido, o trabalho psicológico focado no auxílio da escolha profissional e desenvolvimento pessoal com o objetivo de aumentar a satisfação e auto-estima pode se servir de recomendações a respeito do lazer que fornece fontes ricas de satisfação intrínseca, companhia, intimidade, novidade, apreciação estética, contemplação, solidão, relaxamento, renovação e, até mesmo, recompensas extrínsecas e que pesquisas adicionais para investigar esses assuntos parecem ser justificáveis.

Camargo e Bueno (2003) também investigaram o significado de trabalho, lazer e suas implicações pessoais, numa população de 24 homens, trabalhadores de um hospital-escola paulista, que integram uma equipe de futebol, frequentadores da associação recreativa desta unidade. Optaram por uma abordagem humanista, qualitativa, analisando as falas por categorização, para o subsídio da elaboração de um projeto educativo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, observações e fotografia como material de apoio. Os pesquisados, na maioria casados, com filhos, recebendo em média R\$ 650,00, trabalhavam em locais próximos ao hospital, favorecendo os contatos para os jogos. Para eles, o trabalho garantia a sobrevivência pessoal e familiar. Já o lazer, diversão, descanso, integração e valorização da família e dos amigos, evidenciaram a importância do desafio no futebol, meio propulsor de promoção da saúde, resgate da auto-estima, alegria, liberdade, criatividade, espontaneidade, preparando-se melhor para a vida pessoal e profissional.

Largura (2000) desenvolveu um estudo sobre as fontes de lazer em universitários e os objetivos da referida pesquisa foram de analisar os tipos e estratégias de lazer em estudantes de 1º e 5º anos de psicologia noturno. Verificou as opiniões dos sujeitos ante o lazer, a importância e a frequência da atividade de lazer na vida dos sujeitos, levantou as principais atividades e fontes de lazer que os sujeitos praticavam e/ou gostariam de praticar e verificou se havia diferença no tipo e quantidade de tempo reservado para as atividades de lazer entre os alunos do primeiro e quinto anos. Foram pesquisados 30 alunos do curso de Psicologia noturno, sendo 15 sujeitos do 1º ano e 15 do 5º ano, selecionados aleatoriamente e o material utilizado foi um questionário contendo 8 perguntas referentes aos dados pessoais e seis questões específicas sobre atividade profissional, opiniões sobre o lazer, a

importância e a frequência do lazer na vida cotidiana e quais as atividades mais praticadas e desejadas.

Os resultados demonstraram que, para a maioria dos alunos estudados o lazer estava ligado ao período do não-trabalho, onde existia a liberdade de escolha do que fazer em momentos de lazer. Embora a maioria tenha uma visão positiva em relação ao lazer, possuem frequência considerada limitada a uma ou duas vezes por semana e percebe-se também que para muitos o lazer é uma alternativa de combate ao estresse, e torna-se algo "prazeroso", contrário ao tempo de trabalho. A maioria dos participantes demonstrou interesse pelas atividades do tipo sociais, embora respondendo que gostariam de ter mais tempo para as atividades físicas. Também não houve grandes diferenças entre os tipos de lazer praticados pelos primeiranistas e quintanistas. Na comparação entre os grupos notou-se que os alunos de quinto ano valorizaram mais o lazer do que os alunos do primeiro ano, visto que no início do curso o aluno é naturalmente menos exigido e cobrado se comparado com o momento de conclusão. Pela falta de tempo para o lazer, o aluno de quinto ano reconheceu sua importância e talvez isso ocorra pelo fato do aluno estar em processo de formação profissional e entender o tema com maior profundidade.

A pesquisa realizada por Cueto e Cerro (1990) teve o objetivo de estudar a interdependência entre as características dos sujeitos, o tipo de lazer e as variáveis ambientais nos lugares onde acontece o comportamento relativo ao lazer. Foi construído um questionário para medir aspectos como, nível sócio-cultural, lugar escolhido como centro de diversão, facilidade de acesso, situação geográfica, aparência interna, qualidade dos produtos, qualidade dos serviços etc. A amostra foi composta por 107 pessoas, 60 homens e 47 mulheres, com faixa etária entre 18 e 26 anos, todos estudantes universitários.

Os materiais usados foram papel e lápis em forma de teste, sendo um questionário de classe sócio-cultural, um questionário sobre as atitudes e condutas de lazer e uma escala de tipo Thurstone (comparações binárias) sobre as características dos bares e todos os questionários foram aplicados pelo mesmo investigador em três sessões de forma coletiva. Quatro foram as dimensões encontradas em relação ao tempo livre dos sujeitos como, momento de lazer (noturno e diurno), custo do lazer (caro ou barato), tipo de lazer (agitado ou tranquilo) e mobilidade (variável ou estável). A utilização do método das comparações binárias com uma reorganização de estímulos ambientais permitiu confirmar a hipótese de que os sujeitos atribuem diferentes graus de importância a diferentes indicadores do ambiente e, também, para os discriminantes sócio-culturais. Conclui-se que tanto o lugar escolhido como o tipo preferido de lazer tem estreita relação com as características pessoais e sociais do próprio sujeito.

Suárez e Tomás (1999) investigaram as práticas culturais de lazer e tempo livre dos estudantes da universidade de Oviedo, mediante a administração de um questionário confeccionado especialmente para esse estudo. A partir dos resultados obtidos, realizaram a comparação entre as práticas citadas entre universitários e demais jovens, buscando verificar se os estudantes universitários formam um grupo juvenil com um estilo de vida próprio e diferenciado dos demais. Os dados demonstraram que existe uma relação entre os jovens universitários e práticas culturais, lazer e tempo livre usufruído por eles e, analisando a natureza específica dessas atividades e consumo cultural, observou-se que elas são essencialmente, ativas, criativas e seletivas e que, são mais significativas para os mesmos em relação a outros grupos juvenis, o que configura um estilo de vida distinto entre os estudantes de nível superior.

Nesse sentido, os universitários formam um grupo social específico e não possuem uma trajetória familiar homogênea, pois sua formação é determinada pela universidade, que possibilita um ambiente social personalizado e diferenciado, oferecendo uma série de recursos, programações e atividades, como também verificou-se que esse estilo de vida diferenciado é temporal e transitório, pois a universidade se configura como um lugar de passagem. As dez atividades mais realizadas no tempo de lazer dos universitários desse estudo são sair com os amigos, ir a bares e discotecas, ver televisão, ouvir rádio, ler periódicos, conversar com a família, ler livros, ir ao cinema, praticar esporte e alguma produção artística. Mais especificamente na área esportiva praticam natação, futebol, tênis, ciclismo, basquetebol, montanhismo, ginástica, pesca e esqui.

Num estudo realizado por Freire e Soares (2000) sobre o impacto psicossocial do envolvimento em atividades de lazer no processo de desenvolvimento do adolescente, os referidos autores defenderam que as atividades de lazer constituem um contexto que permite conhecer mais de perto as questões pessoais e sociais que se associam ao adolescente das sociedades modernas. É por meio do seu cotidiano que o adolescente realiza suas tarefas desenvolvimentais, já que nos níveis pessoais, sociais e ecológicos se sucedem ou entrecruzam ao longo dos seus vários contextos de vida. É nessa perspectiva que as atividades de lazer tocam aspectos como a identidade, o gênero, os papéis sociais ou os próprios lugares que compõe a vida dos adolescentes, desempenhando um papel fundamental na estruturação de si como pessoal social. Cada vez mais as atividades de lazer constituem um contexto facilitador do desenvolvimento psicossocial, em que o conhecimento e a intencionalidade dos processos de desenvolvimento podem ser alvo de investigação e intervenção psicológica.

Gomes, Siqueira e Sichieri (2001) avaliaram a atividade física em uma população de 4.331 indivíduos com 12 anos ou mais, moradores do Rio de Janeiro, que participaram de um inquérito domiciliar em 1996. Ocupação e lazer foram agrupados segundo categorias de gasto energético como, horas assistindo televisão, utilizando computador ou vídeo game. Somente 3,6% dos homens e 0,3% das mulheres se referiram à ocupação pesada. Entre os homens, 59,8% referiram que nunca realizavam atividade física de lazer e entre as mulheres esse percentual foi de 77,8%, ocorrendo um importante aumento dessa prevalência com a idade, principalmente para os homens. Mulheres realizam atividades de lazer de menor gasto energético do que os homens e com duração mediana também menor. Para horas assistindo televisão, vídeo, computador a média diária foi maior para as mulheres do que para os homens. Quanto maior o grau de escolaridade, maior a frequência de atividade física de lazer para ambos os sexos. Analisados em conjunto esses dados mostram o baixo gasto energético da população do município do Rio de Janeiro com atividade física, sendo que as mulheres, os grupos de meia idade, idosos e os de baixa escolaridade apresentam um maior risco de não realizar atividade física de lazer.

Um artigo escrito por Costa e col. (2003) avaliou a relação entre gênero e construção social do corpo, tendo como objeto de estudo a prática de atividade física realizada no tempo destinado ao lazer. Este estudo foi composto por 300 funcionários de uma universidade localizada no Rio de Janeiro, no qual foram analisadas as respostas sobre atividades físicas de lazer (AFL) de 3.170 participantes. Os resultados encontrados demonstraram um domínio masculino na prática de AFL. A idade, a escolaridade e a renda familiar *per capita* estiveram diretamente associadas à prática de exercícios em ambos os sexos. Os homens se engajaram mais em atividades físicas coletivas e de caráter

competitivo e as mulheres em atividades individuais, que requerem do corpo menos força física. Os autores desse estudo sugerem que as atividades físicas praticadas no tempo destinado ao lazer representam um domínio da vida cotidiana, organizado segundo determinadas convenções, entre elas as concepções acerca do ideal de corpo segundo o gênero, em que os homens e mulheres apresentam comportamentos distintos no que se refere a prática de exercícios físicos.

Tinsley e Eldredge (1995) realizaram um estudo com o objetivo de classificar as atividades de lazer baseadas em necessidades psicológicas individuais. Os pesquisados foram questionados a respeito de atividades de lazer específicas e à extensão em que as mesmas atingiram as diferentes necessidades psicológicas, e responderam o questionário Parágrafos sobre o Lazer (PAL). Cada um dos 3.771 participantes completou o PAL em apenas uma das atividades das quais foram coletados os dados. As atividades foram analisadas em blocos com as pontuações do PAL, configuradas em 12 blocos. Um grupo foi julgado como residual e os outros 11 classificados e nomeados como agência, singularidade, pertencimentos, serviço, diversão sensual, estimulação cognitiva, expressão própria, criatividade, competição, competição religiosa e relaxamento.

Tinsley e Tinsley (1986) citados por Baldwin e Tinsley (1988), postularam quatro pré-requisitos como, a liberdade percebida, motivação intrínseca, provocamento facilitador e compromisso como necessários, mas, insuficientes para que uma pessoa experiencie o lazer. Além disso, propuseram que a experiencição de lazer, pautada em sete atributos, resultaria na absorção da tarefa em mãos, falta de foco no *self*, sentimentos de liberdade ou de falta de controle, bem como a percepção enriquecida de objetos e eventos, sensibilidade aumentada em relação a sentimentos, intensidade aumentada de emoção e diminuída

percepção da passagem de tempo. Os referidos autores somaram os resultados de mais de 50 investigações que indicam que as atitudes de lazer e participação estão relacionadas à satisfação de necessidade (18 estudos), satisfação de vida (23 estudos), bem como, saúde mental e identidade pessoal (16 estudos). Também formularam a hipótese de que o aumento da autopercepção e crescimento pessoal, associados a atividades de lazer são o resultado da experiência de lazer e também, pelo fato do indivíduo ter experienciado o lazer voluntariamente por razões pessoais, as experiências de lazer têm implicações importantes para o autoconceito do indivíduo e é por essa razão que experiência de lazer afeta o crescimento psicológico pessoal.

Baldwin e Tinsley (1988) fizeram uma investigação de validade sobre a teoria dos autores mencionados anteriormente e pautaram-se num questionário desenvolvido para operacionalizar os quatro pré-requisitos e sete os atributos de experiência de lazer a 99 estudantes universitários. Os resultados, de forma geral, apoiaram as hipóteses estudadas de que sujeitos iriam classificar as atividades de lazer em lugar mais alto nessas dimensões do que classificariam trabalho ou atividades de manutenção e foram discutidas as implicações dessas descobertas para psicólogos de aconselhamento. Para Baldwin e Tinsley (1988), essa investigação apóia a teoria de Tinsley e Tinsley (1986) e ilustra que o lazer pode fornecer benefícios importantes, não facilmente obtidos pelos indivíduos em outros aspectos de suas vidas.

O estudo realizado por García, Martínez e Zarazaga (1999), preocupou-se em investigar a dimensionalização do construto do lazer em universitários e tentou contribuir e esclarecer o assunto numa base empírica. Os autores construíram uma escala em que se incluiu diversos componentes sobre o conceito de lazer retirado da literatura e aplicaram

em uma população de universitários, sendo que o estudo possuía uma tripla perspectiva como, a relação ao grau em que os sujeitos consideravam que os itens representavam o conceito de lazer (escala de definição), o grau em que suas atividades de lazer lhes eram úteis para atingir as expectativas esperadas (escala de atividades) e por fim, os sujeitos deveriam valorizar de forma descontextualizada do conceito de lazer para cada um dos itens de acordo com seu grau de importância (escala de importância).

As técnicas usadas mostram duas dimensões por meio das quais pode-se representar os componentes do conceito de lazer: uma refere-se ao nível de esforço e finalidade, relacionada às escalas de definição e importância, e a outra, ao nível de esforço e interação social, relacionada à escala de atividades. Frente aos resultados obtidos, os autores concluíram que o conceito de lazer é composto por dois aspectos igualmente importantes. O primeiro é destinado ao descanso e relaxamento, e o sentimento de ausência de obrigações sobrepõe-se a outros aspectos, e o segundo inclui as atividades que o sujeito se auto-impõe de modo voluntário e que ajudariam a desenvolver o autoconceito, sendo a interação social um dos fatores mais importantes para atingir esse objetivo.

Uma estrutura bidimensional dos resultados frente às variáveis demonstrou que a primeira dimensão, chamada nível de esforço, indica que os sujeitos obtiveram resultados diferentes em sua prática de lazer, por um lado, relaxamento e, por outro, ativação. A segunda classificada como interação, confirmou que a interação social não define o lazer, mas tem grande importância para a população estudada. O agrupamento das variáveis entre as dimensões interação, nível de esforço e resultado, demonstraram que os indivíduos diferenciam os dois tipos de lazer, mas em sua prática real essas diferenças não são claras e o lazer não se apresenta totalmente passivo ou ativo, mas reúne os dois aspectos.

Constata-se que a maioria dos estudos apresentados nesse capítulo nos traz informações sobre o lazer e trabalho, tipos de lazer, definições de construto, benefícios psicológicos e sociais, atividades preferidas, entre outros. Verifica-se também que dos doze estudos citados, os métodos mais comumente utilizados para a coleta de dados e a realização dos mesmos se dão por meio de questionários, redações, entrevistas, observações e revisão de literatura, quando o construto é o lazer. Apenas dois estudos apresentam instrumentos de avaliação em forma de escala para a mensuração do referido assunto na área da psicologia e de origem estrangeira.

Partindo do pressuposto de que o lazer só pode ocorrer em determinadas condições, como a livre escolha e o prazer, o presente trabalho busca avaliar por meio da afetividade pessoal, mais especificamente, do gostar ou não de determinadas atividades, como se configuram as atividades de lazer para uma população universitária. Desse modo, este estudo pretende a construção de uma escala para avaliar o lazer e buscar evidências de precisão e validade de construto, pela análise da estrutura interna dos itens, ou validade de construto segundo Anastasi e Urbina (2000).

## 2. MÉTODO

### 2.1. Participantes

Foram estudadas as respostas de 309 universitários de ambos os sexos com variação de idade entre 17 e 60 anos, com média geral de 24,68 e desvio padrão de 6,95. Para os respondentes do sexo masculino, apresentou-se média de 24,6 com desvio padrão de 6,46 e, para os do sexo feminino, a média foi de 25,05 com desvio padrão de 7,48. Verifica-se que a população estudada apresentou 43 anos de diferença entre a idade mínima e máxima e, em relação a sexo, a média manteve-se equilibrada com pouca variação. A tabela 1 apresenta a seguir a distribuição dos universitários por gênero e idade.

Tabela 1. Frequência e percentual (%) em relação a gênero e idade.

Idade	Masculino		Feminino		Total	
	n	%	n	%	n	%
17	2	1,2	3	2,2	5	1,6
18	15	9,2	6	4,4	21	6,8
19	16	9,8	13	9,6	29	9,4
20	14	8,6	15	11	29	9,4
21	17	10,4	18	13,2	35	11,3
22	20	12,3	16	11,8	36	11,7
23	13	8	11	8,1	24	7,8
24	11	6,7	4	2,9	15	4,9
25	7	4,3	5	3,7	12	3,9
26	8	4,9	3	2,2	11	3,6
27	5	3,1	8	5,9	13	4,2
28	1	0,6	3	2,2	4	1,3
29	4	2,5	2	1,5	6	1,9
30	5	3,1	5	3,7	10	3,2

	Masculino		Feminino		Total	
31	2	1,2	4	2,9	6	1,9
32	3	1,8	1	0,7	4	1,3
33	1	0,6	1	0,7	2	0,6
34	3	1,8	1	0,7	4	1,3
35	3	1,8	2	1,5	5	1,6
36	-----	-----	3	2,2	3	1,0
37	-----	-----	1	0,7	1	0,3
38	-----	-----	2	1,5	2	0,6
39	3	1,8	2	1,5	5	1,6
40	4	2,5	1	0,7	5	1,6
41	1	0,6	-----	-----	1	0,3
45	-----	-----	1	0,7	1	0,3
47	2	1,2	1	0,7	3	1,0
49	-----	-----	1	0,7	1	0,3
52	1	0,6	-----	-----	1	0,3
53	-----	-----	1	0,7	1	0,3
60	-----	-----	1	0,7	1	0,3
Total	161	98,80	135	99,30	296	95,8
Sem/Res	2	1,2	1	0,7	-----	-----
Total	163	100	136	100	-----	-----
Média	24,36	-----	25,05	-----	24,68	-----
Mediana	22	-----	22	-----	22	-----
Moda	22	-----	21	-----	22	-----
DP	6,46	-----	7,48	-----	6,95	-----

Os universitários estudados faziam parte de cursos que pertenciam às áreas de Ciências Humanas, Exatas e Biológicas de uma universidade particular do estado de São Paulo, dos períodos noturno e diurno. Para a área de Ciências Humanas, que corresponde aos cursos de Direito, Pedagogia e Psicologia, a frequência geral foi maior em relação às outras, com 162 pessoas, correspondendo a 52,4%. Já a área de Ciências Exatas, que

corresponde aos cursos de Engenharia, Engenharia de Computação, Engenharia Elétrica, Engenharia Industrial, Engenharia Mecânica, Engenharia Mecatrônica e Engenharia de Produção, apareceu com a frequência geral em segundo lugar, com 103 pessoas (33,3%) e, em terceiro lugar, ficou a área de Ciências Biológicas, representada pelo curso de Fisioterapia, em que participaram do estudo 44 pessoas, referindo-se a 14,2%. Nas áreas de Ciências Humanas e Biológicas predominaram as mulheres e nas Ciências Exatas, os homens. A tabela 2 mostra a frequência e o percentual em relação a gênero e áreas.

Tabela 2. Frequência e percentual (%) em relação a gênero e áreas.

Áreas	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	n	%	N	%
Humanas	58	35,50	100	61,70	162	52,4
Exatas	97	94,20	3	2,90	103	33,3
Biológicas	8	18,20	33	75,00	44	14,2
<b>Total</b>	<b>163</b>	<b>52,80</b>	<b>136</b>	<b>44,00</b>	<b>309</b>	<b>100,0</b>

Com relação às idades, os dados mostraram maior média para o sexo masculino nas três áreas, e a média geral foi maior para Ciências Humanas, enquanto as Ciências Exatas e Biológicas apresentaram idades semelhantes, como mostra a tabela 3.

Tabela 3. Estatística das idades por gênero dos participantes em relação às áreas.

	Sexo	Média	Mediana	Moda	DP
Humanas	Masculino	27,82	25	22	7,49
	Feminino	26,01	23	19	7,79
	Total	26,67	24	22	7,71
Exatas	Masculino	22,5	21	18	5,02
	Feminino	20	18	18	3,46
	Total	22,37	21	18	4,99
Biológicas	Masculino	22,63	21	20	4,17
	Feminino	22,53	21	21	5,9
	Total	22,55	21	20	5,55
Total geral		24,68	22	22	6,95

Na frequência e percentual por cursos da população estudada, o curso de Direito foi o que mais contribuiu, ficando em primeiro lugar com 72 participantes (23,3%), em segundo, o curso de Psicologia com 70 participantes (22,7%), em terceiro, o curso de Engenharia Mecânica com frequência de 56 (18,1%), em quarto, a Fisioterapia com 44 participantes correspondendo a 14,2% e, os demais cursos obtiveram menor frequência, como mostra a tabela 4.

Tabela 4. Frequência e percentual (%) por cursos.

Cursos	N	%
Direito	72	23,3
Engenharia	6	1,9
Engenharia de Computação	8	2,6
Engenharia Elétrica	23	7,4
Engenharia Industrial	3	1,0
Engenharia Mecânica	56	18,1
Engenharia Mecatrônica	6	1,9
Engenharia de Produção	1	0,3
Fisioterapia	44	14,2
Pedagogia	20	6,5
Psicologia	70	22,7
Total	309	100,0

## 2.2. Instrumento

O instrumento construído foi baseado na concepção de lazer apresentada por Dumazedier (1980) e os itens foram divididos em cinco grupos, de acordo com a natureza de suas atividades que são físicas, manuais ou práticas, artísticas, intelectuais e sociais. Para a construção da escala, cada grupo apresentou aproximadamente vinte itens com conteúdo relacionado ao lazer e foram levantados com base nos estudos de Gaelzer (1976) e Loureiro (1995), e alguns deles, foram adaptados à realidade brasileira. Houve um estudo piloto com um grupo aproximado de vinte pessoas para a avaliação da compreensão das frases, do tempo de resposta e para coletar sugestões de outras atividades.

O instrumento foi apresentado em material impresso contendo 88 itens a serem respondidos. Esses itens foram relacionados a uma escala do tipo Likert de acordo com o

gostar ou não da prática do lazer, que se configuraram da seguinte forma: *5-gosto muito, 4-gosto, 3-gosto pouco, 2-não gosto, 1-não sei*. As atividades foram pontuadas atribuindo-se 3 pontos para a resposta *gosto muito*, 2 pontos para a resposta *gosto*, 1 ponto para a resposta *gosto pouco* e 0 (zero) para as respostas *não gosto* e *não sei*. A junção das categorias 2 e 1 se deveu ao fato de que ambas indicavam, por informações distintas, que a prática de lazer em questão não era realizada. Desse modo a pontuação da resposta “*não sei*” foi somada à categoria 2 (não gosto).

### 2.3. Procedimento de Aplicação

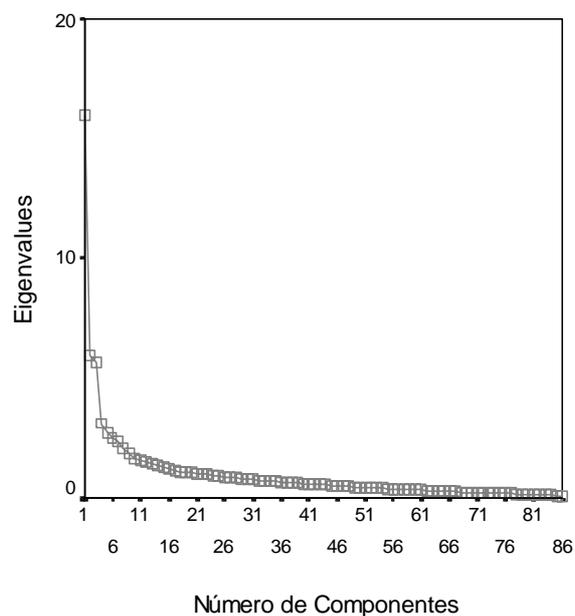
Após a aprovação do comitê de ética, o instrumento foi aplicado aos participantes mediante uma explicação prévia de seus objetivos e seus aspectos éticos. A coleta dos dados deu-se pelo preenchimento do instrumento em período de aula, com prévia autorização da coordenação de cursos e do respectivo professor. O preenchimento da escala variou entre 10 e 12 minutos e os respondentes não apresentaram dificuldades.

### 3. RESULTADOS

#### 3.1. Evidências de validade de constructo

A medida de adequação da amostra Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 0,900) e o Teste de esfericidade de Bartlett ( $\chi^2=9057,215$ , gl=1378 e p=0,000) indicaram a possibilidade da extração de fatores. Analisando o *scree plot* (Figura 1), observou-se a possibilidade de extração de três fatores.

Figura 1. Gráfico de sedimentação (*scree plot*)



Em decorrência, os dados foram estudados pela análise de componentes principais, rotação varimax, e foram excluídos os itens com valores inferiores a 0,30. Os resultados dessa análise encontram-se na Tabela 5.

Tabela 5. Fatores, itens, saturação, *eigenvalues* e variância explicada encontrados por análise de componentes principais, rotação varimax com normalização de Kaiser.

Lazer	Componentes			h <sup>2</sup>
	1	2	3	
60. Viajar	0,90			0,80
69. Ouvir música	0,90			0,70
56. Ir a restaurantes	0,84			0,80
53. Passar o tempo com os amigos	0,84			0,80
64. Ir ao cinema	0,82			0,80
79. Receber os amigos em casa	0,80			0,70
71. Ouvir rádio	0,80			0,70
81. Ir a shows	0,80			0,71
58. Ir ao shopping	0,80			0,70
68. Navegar na internet	0,72			0,70
72. Ir a excursões e piqueniques	0,71			0,70
70. Assistir TV	0,71			0,70
55. Participar de festas familiares	0,70			0,70
80. Frequentar clubes	0,70			0,64
65. Ir ao teatro	0,70			0,70
57. Frequentar bailes	0,70			0,70
83. Fotografar	0,70			0,60
67. Frequentar bibliotecas	0,60			0,70
50. Assistir a documentários	0,60			0,70
66. Visitar museus	0,52			0,71
62. Cantar	0,52			0,74
59. Cantar em karaokê	0,50			0,72
77. Jogar bocha/boliche	0,50			0,53
76. Jogar dominó	0,50			0,73
59. Ir à igreja	0,50			0,62
23. Fazer cerâmica		0,80		0,70
24. Pintar		0,71		0,70
25. Esculpir		0,70		0,70
22. Fazer jardinagem		0,60		0,63
46. Criar com material variado		0,60		0,60
27. Fazer tricô e crochê		0,60		0,70
47. Costurar		0,60		0,70
48. Bordar		0,60		0,74
28. Fazer tapeçaria		0,60		0,64
31. Escrever poesias		0,50		0,74
45. Fazer escultura em madeira		0,50		0,60
34. Participar de concurso artístico		0,50		0,60
32. Escrever crônicas		0,44		0,74
33. Participar de concurso literário		0,41		0,70
44. Desenhar		0,40		0,70
08. Jogar futebol			0,70	0,63
14. Jogar basquetebol			0,70	0,60
10. Jogar handebol			0,60	0,62
43. Fazer esportes radicais			0,60	0,70
09. Jogar voleibol			0,60	0,64
13. Praticar atletismo			0,60	0,60
07. Praticar artes marciais			0,52	0,60
11. Jogar tênis			0,51	0,64
75. Jogar bilhar			0,50	0,62
20. Jogar tênis de mesa			0,50	0,60
18. Andar de skate			0,50	0,61
87. Soltar pipa			0,50	0,60
26. Fazer reparos e concertos			0,40	0,70
Eigenvalues	13,18	5,05	4,25	
Percentual de Variância	24,86	9,53	8,03	

A variância explicada no total foi de 42,42%. A variância para o fator 1 foi de 24,86% com eigeivalue de 13,17, para o 2, de 9,53% com eigeivalue de 5,05 e para o 3 de 8,03% com eigenvalue de 4,25.

Interpretando os resultados observou-se que as atividades aglutinadas no fator 1 poderiam ser denominadas de sócio-culturais e totalizaram 25 itens, as do fator 2 de artístico-manuais e criativas que corresponderam a 15 itens e as do fator 3 de físico-esportivas que se agruparam em 13 itens. A soma dos três fatores (de todos os itens) poderia ser chamada de lazer geral.

Na Tabela 6 são apresentados os coeficientes de correlação item-total por subescala. Os valores considerados aceitáveis são aqueles não inferiores a 0,30 (Guilford e Fruchter, 1978).

Tabela 6. Coeficientes de correlação item-total por sub-escala.

Fator 1		Fator 2		Fator 3	
Item	<i>r</i>	Item	<i>r</i>	item	<i>r</i>
60	0,82	23	0,65	8	0,54
69	0,83	24	0,64	14	0,55
56	0,81	25	0,56	10	0,49
53	0,80	22	0,49	43	0,50
64	0,79	46	0,56	9	0,45
79	0,76	27	0,47	13	0,43
71	0,74	47	0,49	7	0,40
81	0,72	48	0,48	11	0,43
58	0,71	28	0,42	75	0,43
68	0,69	31	0,47	20	0,42
72	0,69	45	0,44	18	0,38
70	0,67	34	0,43	87	0,41
55	0,69	32	0,39	26	0,29

80	0,65	33	0,36
65	0,66	44	0,39
57	0,65		
83	0,63		
67	0,57		
50	0,53		
66	0,53		
62	0,50		
59	0,48		
77	0,45		
76	0,44		
59	0,43		

---

Observando a tabela de coeficiente de relação item-total por escala, nota-se que as três sub-escalas apresentaram valores satisfatórios, com exceção do item 26 “*fazer reparos e concertos*” que aparece no fator três (atividades físico-esportivas) que apresentou valor de 0,29. Entretanto, esse valor está muito próximo do limite de aceitação e também apresentou carga fatorial igual a 0,40. Por isso, optou-se por não retirá-lo.

### 3.2. Precisão

Foram calculados índices de fidedignidade (Tabela 7), sendo que o coeficiente de consistência interna de Cronbach (alfa = 0,92) no fator geral forneceu um valor bastante bom. Para o fator 1 o coeficiente alfa mostrou-se em 0,95, no fator 2 apresentou-se em 0,85 e no fator 3 com valor de 0,80. Esses valores são suficientemente altos para se afirmar que as subescalas e o instrumento possuem uma boa consistência interna.

Tabela 7. Coeficiente de consistência interna (alfa de Cronbach)

Precisão	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator Geral
Alfa	0,95	0,85	0,80	0,92

A análise dos valores de alfa, caso algum item fosse deletado no fator geral, mostrou que a diferença seria na casa centesimal. O mesmo ocorreu para as sub-escalas do fator 1 e 2, e apenas no fator 3 foi que a diferença ocorreu na casa decimal caso o item fosse deletado. Em razão disso, manteve-se a opção da não exclusão de nenhum item.

### 3.3. Evidências de validade relativa ao desenvolvimento

Os três fatores, mais o *lazer geral*, foram correlacionados com a idade dos participantes pelo método de Pearson, considerando cada sexo separadamente e no geral. Os resultados encontram-se na tabela 8.

Tabela 8. Coeficiente de Correlação por fator e idade em relação ao sexo e no geral.

	Sexo	Idade	
		<i>r</i>	<i>p</i>
Fator 1 (Sócio-culturais)	Masculino	0,01	0,923
	Feminino	-0,19	0,029
	Geral	-0,06	0,310
Fator 2 (Artístico-manuais e criativas)	Masculino	0,23	0,004
	Feminino	0,17	0,051
	Geral	0,20	0,001
Fator 3 (Físico-esportivas)	Masculino	-0,06	0,488
	Feminino	-0,10	0,247
	Geral	-0,09	0,125
Lazer Geral	Masculino	0,04	0,614
	Feminino	-0,10	0,252
	Geral	-0,02	0,788

Dos doze coeficientes de correlação, três deles foram significativos. O fator 1 representa as atividades de lazer que foram classificadas como sócio-culturais e ocorreu uma correlação negativa ( $r = - 0,19$ ;  $p = 0,029$ ) para as pessoas do sexo feminino, o que pode significar que com o aumento da faixa etária essas pessoas tendem a participar menos de atividades de lazer relacionadas a esse fator. O fator dois refere-se às atividades de lazer classificadas como artístico-manuais e criativas e apresentou correlação positiva para os homens ( $r = 0,23$ ;  $p = 0,004$ ) e para ambos os sexos no fator geral ( $r = 0,20$ ;  $p = 0,001$ ). Os dados indicam que com o aumento da idade os homens tendem a aumentar suas preferências pelas atividades artístico-manuais e criativas e que para ambos os sexos essas atividades também são mais apreciadas com o aumento da idade.

No fator três, que se refere às atividades classificadas como físico-esportivas, não houve resultado significativo, o que pode significar que para homens, mulheres e para ambos os sexos conjuntamente as preferências por esse tipo de atividade não tem relação com a idade. O mesmo ocorre no Lazer Geral, que é a soma dos três fatores, em que a idade dos participantes não influenciou em suas preferências.

A Tabela 9 nos mostra os dados estatísticos de frequência, média, desvio padrão e erro de mensuração para os fatores relacionados a gênero. Os dados mostram que as pessoas do sexo feminino apresentaram maior preferência por atividades de lazer sócio-culturais (fator1) e artístico-manuais e criativas (fator2) do que as do sexo masculino, e que os homens preferiram atividades de lazer do tipo físico-esportivas (fator3) em relação às mulheres. No fator geral não houve resultado estatisticamente significativo.

Tabela 9. Dados estatísticos em relação a gênero e fatores.

	Sexo	n	Média	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Fator 1	Masculino	163	44,69	19,450	-4,49	0,000
	Feminino	136	53,79	14,607		
Fator 2	Masculino	163	5,52	5,938	-5,75	0,000
	Feminino	136	10,20	8,103		
Fator 3	Masculino	163	19,93	8,021	10,43	0,000
	Feminino	136	10,86	6,779		
Fator Geral	Masculino	163	70,13	26,350	-1,69	0,090
	Feminino	136	74,85	20,880		

## 4. DISCUSSÃO

Por unanimidade, os autores citados ao longo deste trabalho como Gaelzer (1979), Dumazedier (1980), De Masi (2000), Marcellino (2001), entre outros, defendem que o lazer é um fenômeno complexo, de grande abrangência sócio-cultural, e também relacionado com aspectos psicológicos e da saúde, portanto, estudado por diversas áreas do conhecimento. No meio científico, poucos são os estudos direcionados ao lazer nas áreas de avaliação psicológica e psicologia geral, e a maioria dos trabalhos é direcionada aos aspectos emocionais do comportamento humano pelo prisma de conflitos, patologias e insucessos na vida (Iwanowicz, 1997). No Brasil, os estudos nessa área são mais escassos, haja vista para os poucos trabalhos científicos que foram encontrados referentes a esse construto dentro de uma abordagem psicológica.

Nesta pesquisa, no capítulo “Estudos Relacionados à Prática e a Compreensão do lazer”, verifica-se que dos doze estudos apresentados apenas dois desenvolveram escalas como forma de investigação, e de origem estrangeira na área da psicologia. Desse modo, o objetivo deste estudo foi o de construir uma escala brasileira na área de avaliação psicológica para os estudos do lazer e verificar sua configuração numa população universitária. Esperava-se que o instrumento apresentasse evidências de precisão e validade, aspectos fundamentais para que o instrumento tivesse confiabilidade científica e interpretabilidade.

Na construção da escala algumas expectativas foram atendidas e a partir dos resultados podemos tecer alguns comentários. A população estudada mostrou-se bem heterogênea, com boa variação de idade e média dos participantes equilibrada em relação a gênero, com variação de 11 cursos que se distribuíram nas três áreas pretendidas (Ciências

Exatas, Humanas e Biológicas). A frequência geral dos universitários foi de 309, com maior concentração na área de humanas, posteriormente nas áreas de Exatas e Biológicas, respectivamente. As mulheres se concentraram nas áreas de humanas e biológicas e os homens na área de exatas. A média geral de idade foi maior para os homens nas três áreas, sendo que na área de humanas as pessoas mostraram-se mais velhas. Já nas áreas de exatas e biológicas a média de idade mostrou-se semelhante.

O instrumento aplicado na população estudada foi apresentado inicialmente com 88 itens (atividades) de lazer que foram em grande parte retirados da literatura estudada, e outros, adaptados para a realidade brasileira. Após ser feita a análise fatorial, por componentes principais, rotação varimax, e excluídos os valores inferiores a 0,30, bem como a exclusão de itens, para melhorar a consistência interna, a escala passou a ter 53 itens, aglutinados em três fatores. O primeiro concentrou as atividades que foram chamadas de sócio-culturais (fator 1), o segundo as chamadas de artístico-manuais e criativas (fator 2) e o terceiro de atividades físico-esportivas (fator 3).

A extração desses fatores e a aglutinação das atividades de lazer deste estudo vão de encontro à classificação de Dumazedier (1980), que apresenta cinco grupos de atividades de lazer ao invés de três, que são físicas, práticas ou manuais, artísticas, intelectuais e sociais. Podemos notar que existe certa relação de nomenclatura das atividades apresentadas pelo autor e as encontradas neste estudo, no entanto, este não separa algumas atividades, como por exemplo, as atividades denominadas práticas ou manuais e as atividades artísticas estão em dois grupos distintos segundo Dumazedier, e no presente trabalho, encontram-se aglutinadas no fator 2 (artístico-manuais e criativas), pertencendo ao mesmo universo. As atividades classificadas como físicas e sociais por Dumazedier

também apareceram em dois grupos distintos neste trabalho, mas como binômios, quais sejam, físico-esportivas e sócio-culturais e não houve relação de nomenclatura referente às atividades intelectuais apresentada pelo autor. Para Marcellino (1983), os estudiosos da área ainda não têm um consenso do que seja realmente o lazer, e suas definições, nomenclaturas e classificações ainda são muito diversas. A Tabela 10 exemplifica a referida questão.

Tabela 10. Classificações de atividades de lazer

Dumazidier (1980)	Escala de lazer (2006)
Físicas	Físico-esportivas (fator 3)
Sociais	Sócio-culturais (fator 1)
Artísticas	Artístico-manuais e criativas (fator 2)
Práticas ou manuais	
Intelectuais	

Um estudo americano que também investigou os tipos de atividades de lazer foi o de Tinsley e Eldredge (1995), em que construíram uma escala chamada de “Parágrafos sobre o Lazer (PAL)” e registraram onze grupos de concentração dessas atividades que se configuraram como agência (atividades que exigem mais esforço físico com pouca atividade intelectual), singularidade, pertencimentos, serviço, diversão sensual, estimulação cognitiva, expressão própria, criatividade, competição, competição religiosa e relaxamento.

Das onze classificações encontradas pelos autores, comparadas a este estudo, encontramos três classificações que parecem ser comuns. Agência relacionada com o fator 3 (físico-esportivo), estimulação cognitiva e a criatividade com o fator 2 (artístico-manuais

e criativas). Observando os estudos de classificação de Dumazedier (1980) e Tinsley e Eldredge (1995) notamos que os resultados encontrados neste trabalho assemelham-se mais com o do primeiro autor, apenas em termos de nomenclatura, pois o primeiro as classifica em 5 grupos, o segundo em 11 e este estudo em 3.

Para a verificação da fidedignidade (precisão) e a estabilidade dos resultados foi calculada a consistência interna pelo coeficiente alfa de Cronbach, que apresentou resultado satisfatório, com valor geral de  $\alpha = 0,92$ , o que significa que 92% da variância dessa medida pode ser considerada segura e apenas 8% da medida pode acusar erros aleatórios. Também foi calculada a correlação item-total que apresentou resultado satisfatório nas três sub-escalas, com exceção de um item.

Os resultados também apresentaram evidências de validade relativa ao desenvolvimento por meio da correlação de Pearson. Houve correlação negativa para as mulheres em relação à idade no fator 1 (sócio-cultural), ou seja, quanto mais avançada a idade das mulheres estudadas menor será a preferência pelas atividades sócio-culturais.

Para os homens houve uma correlação positiva para a idade, significando que com o passar dos anos as pessoas do sexo masculino tendem a aumentar seu interesse pelas atividades do fator 2, que são as classificadas como artístico-manuais e criativas. No fator geral constatou-se que para ambos os sexos o aumento da idade aumenta as preferências dessas pessoas pelas atividades do fator 2. Gomes, Siqueira e Sichieri (2001) defendem que com o aumento da idade as atividades físico-esportivas (fator 3) tendem a diminuir bastante para ambos os sexos, com prevalência para os homens.

Em relação ao gênero constatou-se que os homens preferem as atividades classificadas como físico-esportivas (fator 3) e as mulheres dão maior preferência às

atividades sócio-culturais e às artístico-manuais e criativas (fatores 1 e 2). Costa e col. (2003) estudaram a prática de atividade física de lazer e encontraram resultados semelhantes, em que os homens são mais engajados em atividades físicas coletivas e de caráter competitivo e, as mulheres em atividades individuais, que exigem do corpo menos força física.

Este estudo pretendeu dar sua contribuição às pesquisas sobre o lazer, mas se faz necessário um maior aprofundamento para que outras pesquisas venham a ser realizadas, devido à complexidade e importância do tema.

#### 4. REFERÊNCIAS

Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas

Awad, H. Z. A. (2004). *Brinque, jogue, cante e encante com a recreação: conteúdos de aplicação pedagógica teórico-prático*. Jundiaí, SP: Fontoura.

Baldwin, S. K. & Tinsley, E. A. (1998). An Investigation of the validity of Tinsley & Tinsley (1986). Theory of leisure experience. *Journal of Counseling Psychology*, 30(3), 263-267.

Bruhns, H. T. (2002). De Grazia e o lazer como isenção das obrigações. Em H. T. Bruhns (Org.). *Lazer e Ciências Sociais: Diálogos Pertinentes*. (pp. 17-39). São Paulo, SP: Chronos.

Butler, G. D. (1973). *Recreação*. Rio de Janeiro, RJ: Lidador.

Camargo, R.A.A. & Bueno, S.M.V. (2003). Lazer, a vida além do trabalho para uma equipe de futebol entre trabalhadores de hospital. *Revista latino-americana de Enfermagem*, v. 11, n. 4. Ribeirão preto, jul./ago.

Costa, R.S., Heilborn, M.L., Werneck, G.L., Faerstein, E. & Lopes C. S. (2003). Gênero e prática de atividade física de lazer. *Caderno de saúde pública*, v. 19, supl. 2, Rio de Janeiro.

Cueto, E. G., Cerro, V. (1990). Características individuales y tipo de ocio. *Psicothema*, 2(2), 173-177. Universidad Complutense de Madrid.

De Masi, D. (2000). *O ócio Criativo: entrevista a Maria Serena Palieri*. Rio de Janeiro, RJ: Sextante.

Dumazidier, J. (1973). *Lazer e cultura popular*. São Paulo, SP: Perspectiva.

Dumazidier, J. (1974). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo, SP: Perspectiva.

Dumazidier, J. (1980). *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo, SP: Sesc.

Freire, T. & Soares, I. (2000). O impacto social do envolvimento em actividades de lazer no processo de desenvolvimento adolescente. *Psicologia: teoria, investigação e prática*, 1, 23-40. Universidade de Minho.

Gaelzer, L. (1979). *Lazer: benção ou maldição*. Porto Alegre, Sulina: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

García, J. S. M., Martínez, A. E. L. & Zarazaga, R. E. (1999). Dimensionalización Del constructo de ocio em universitarios. *Psicothema*, 11(1), 113-124. Universidade de Málaga.

Gebara, A. (1997). Considerações para uma história do lazer no Brasil. Em H. T. Bruhns (Org.). *Introdução aos estudos do Lazer*. (pp.61-77). Campinas, SP: Unicamp.

Gomes, V.B., Siqueira, K.S. & Sichieri, R. (2001). Atividade física em uma amostra probabilística da população do município do Rio de Janeiro. *Caderno de saúde pública*, v. 4, Rio de Janeiro, jul./ago.

Harada, M. (2000). Política de redução da jornada de Trabalho, Lei do Resort e Lazer no Japão. Em *Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in globalized society*. (pp. 279-287) 5º Congresso Mundial de Lazer. São Paulo, SP: Sesc

Iwanowicz, J. B. (1997). Aspectos psicológicos do Lazer. Em H. T. Bruhns (Org.). *Introdução aos estudos do Lazer*. (pp. 83-99). Campinas, SP: Unicamp.

Largura, W.A.N. (2000). Fontes de lazer em estudantes de 1º e 5º anos de psicologia (noturno). *PSICO-USF*, Bragança Paulista, 5(1), 73-85.

Loureiro, S. M. M. (1987). Aprendizagem e lazer. Witter, G. P. & Lomônaco, J. F. B. (Org.). *Psicologia da aprendizagem : áreas de aplicação*. São Paulo: EPU.

Loureiro, S. M. M. (1995). *O lazer na vida de estudantes de pós-graduação de psicologia e educação física na universidade de São Paulo: Um estudo exploratório* (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo.

Marcellino, N. C. (1983). *Lazer e humanização*. Campinas, SP: Papirus.

Marcellino, N. C. (2001). Lazer e qualidade de vida. Moreira, W. W. (Org). *Qualidade de vida, complexidade e educação*. Campinas, SP: Papirus.

Medeiros, E. (1971). O Lazer no planejamento urbano. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas.

Muniz, J. (2004). La validación de los testes. *Metodologia de las ciencias del comportamiento*, 5(2), 121-141. Universidade de Oviedo.

Neulinger, J. (1974). *The psychology of leisure*. Springfield III: Charles C. Thomas.

Noronha, A. P. P. & Vendramini, C. M. M. (2003). Parâmetros psicométricos: estudo comparativo entre testes de inteligência e de personalidade. *Psicologia: reflexão e crítica*, 16 (1), 177-182. Universidade São Francisco.

Parker, S. (1976). *A Sociologia do Lazer*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores.

Pimentel, G. G. A. (2003). *Lazer: fundamentos, estratégias e atuação profissional*. Jundiaí, SP: Fontoura.

Ramos, N. (2002). Qualidade de vida e lazer: direitos sociais. *Katálisis*, 5(1), 56-59. Florianópolis: SC.

Santini, R. C. G. (1993). Dimensões do lazer e da recreação. São Paulo, SP: Angelotti.

Sisto, F. F., Sbardelini, E. T. B. & Primi, R. (Orgs.). (2001). Contextos e questões da Avaliação Psicológica. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Suárez, J. R. & Tomás, E. A. (2002). Psicología social y ocio: una articulación necesaria. *Psicothema*, 14(1), 124-133. Universidade de Oviedo.

Suárez, J. R. & Tomás, E. A. (1999). Estilos de vida, cultura, ocio y tiempo libre de los estudiantes universitarios. *Psicothema*, 11(2), 247-259. Universidade de Oviedo.

Tinsley, H. E. A, Hinson, J. A., Tinsley, D. J. & HOLT, M. S. (1993). Attributes of leisure and works experiences. *Journal of Counseling Psychology*, 40(4), 447-455.

Tinsley, H. E. A & Eldredge, B. D. (1995). Psychological benefits of leisure participation: A taxonomy of leisure activities based on their need-gratifying properties. *Journal of Counseling Psychology*, 42(2), 123-132.

## ANEXOS